




COGNITIO

Revista de Filosofia
Centro de Estudos de Pragmatismo

São Paulo, v. 26, n. 1, p. 1-13, jan.-dez. 2025
e-ISSN: 2316-5278

 <https://doi.org/10.23925/2316-5278.2025v26i1:e71737>

Criatividade social e individual: um diálogo entre a poética pragmática e a teoria dos sistemas sociais autopoieticos

Social and individual creativity: a dialogue between pragmatic poietics and the theory of autopoietic social systems

Roberto Dutra*
robertodtj@uenf.br

Resumo: Este artigo consiste em um esboço de diálogo entre a filosofia poética pragmática de José Crisóstomo de Souza e a teoria dos sistemas sociais autopoieticos de Niklas Luhmann. A premissa desta proposta de diálogo é a constatação de que a teoria dos sistemas sociais deve ser entendida como uma perspectiva não estruturalista do social que enfatiza o caráter não sistemático dos sistemas sociais, ou seja, o fato de que a unidade recursiva da vida social se define pelas conexões temporais das práticas e operações e não pela coerência entre suas estruturas. A intuição desta proposta de diálogo é que este caráter não sistemático e recursivo dos sistemas sociais autopoieticos abre novos horizontes interessantes para pensar a criatividade social e individual, tal como postuladas pela poética pragmática.

Palavras-chave: Pragmatismo. Poética pragmática. Teoria dos sistemas sociais. Criatividade. Construcionismo institucional.

Abstract: *This article consists of an outline of a dialogue between José Crisóstomo de Souza's pragmatic poietic philosophy and Niklas Luhmann's theory of autopoietic social systems. The premise of this proposed dialogue is the observation that the theory of social systems should be understood as a non-structuralist perspective of the social that emphasizes the non-systematic character of social systems, that is, the fact that the recursive unity of social life is defined by the temporal connections of practices and operations and not by the coherence between their structures. The intuition of this proposed dialogue is that this non-systematic and recursive character of autopoietic social systems opens new interesting horizons for thinking about social and individual creativity, as postulated by pragmatic poietic.*

Keywords: *Pragmatism. Pragmatic poietics. Social systems theory. Creativity. Institutional constructionism.*

Recebido em: 21/05/2025.

Aprovado em: 10/10/2025.

Publicado em: 20/12/2025.

1 Introdução

Este artigo consiste em um esboço de diálogo entre a filosofia poética pragmática de José Crisóstomo de Souza e a teoria dos sistemas sociais autopoieticos de Niklas Luhmann. A premissa desta proposta de diálogo é a constatação de que a teoria dos sistemas sociais deve ser entendida como uma perspectiva não estruturalista do social. Essa perspectiva coloca em primeiro plano não as estruturas e padrões de conduta, mas sim as práticas e operações de sentido capazes de criar novos padrões com base na rede recursiva de práticas e operações que constitui o social enquanto sistema. Em complemento a esta premissa, deve-se enfatizar o caráter não sistemático dos sistemas sociais, ou seja, o fato de que a unidade recursiva da vida social se define pelas conexões temporais das práticas e operações.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

* Universidade Estadual do
Norte Fluminense;
Universidade de Bremen.

De forma mais precisa, as práticas e operações que formam a unidade recursiva do social consistem em comunicação. Sistemas sociais são sistemas de comunicação. Mas comunicação não é a embalagem de conteúdos ou a transmissão de mensagens. A comunicação é a unidade formada pelo que você faz e como os outros reagem a isso. É o tráfego completo de sugestões de sentido que podem ser aceitas ou rejeitadas. Neste sentido, a unidade de uma comunicação é uma unidade operativa fixada apenas quando uma comunicação se torna premissa para outra, ou seja, quando acontece a recursividade. Um sistema social surge quando esta recursividade comunicativa acontece e morre quando ela deixa de acontecer.¹

Esta unidade recursiva comporta a adoção e criação de uma variedade de estruturas contraditórias, desviantes e alternativas em relação aos padrões formais e oficiais usados para descrever de modo simplificado o funcionamento de sistemas sociais. A intuição desta proposta de diálogo é que este caráter não sistemático e recursivo dos sistemas sociais autopoieticos, em vez de anular, abre novos horizontes interessantes para pensar a criatividade social e individual, tal como postuladas pela poética pragmática e pela sociologia pragmática. O ponto forte comum às duas perspectivas teóricas que pretendemos convidar ao diálogo é a proposição de que a criatividade social deve ser pensada na relação entre problemas e soluções que enquadra a recursividade específica de sistemas sociais diferenciados. O argumento se constrói a partir de diferentes elementos que articulam a relação entre conhecimento e prática social tendo como base a relação entre problemas, soluções e criatividade social. A tese é que existe uma afinidade entre poética pragmática e funcionalismo de equivalências da teoria dos sistemas: ambos conferem centralidade ao caráter inovador e criativo da busca por soluções para problemas práticos da vida social.

2 Conhecimento e prática

O ponto de vista da poética pragmática (Souza, 2024; 2021; 2020), compartilhado com a epistemologia da teoria dos sistemas de Luhmann (1998; 1997), é a tentativa de superar a concepção transcendentalista do conhecimento. Trata-se de um não dualismo, um não mentalismo e não representacionismo: o conhecimento envolve a mente junto com a materialidade prática e sensorial do corpo e não representa meramente coisas objetivas, mas está constitutivamente implicado na própria produção e transformação de qualquer *objetividade*. Toda forma de conhecimento, inclusive o científico, se define por seu sentido prático em resolver problemas humanos e sociais. Nós humanos nos encontramos jogados num mundo de problemas que nos antecedem. Nossos propósitos humanos no mundo não são construções arbitrárias da linguagem que ignoram os atributos do mundo, mas, ao contrário, encontram na lida e nos fazeres práticos com os atributos mundanos sua referência primeira (Souza, 2020, p. 11). No entanto, os problemas, assim como as soluções formuladas e imaginadas para enfrentá-los, são produzidos socioculturalmente em redes recursivas de tecnologias, signos e outras formas de sentido prático comum com as quais nos achamos envolvidos e as quais também podemos alterar. A definição dos problemas e das soluções é socialmente produzida de forma prática e operativa, em acontecimentos e rotinas cotidianas. É no

1 O conceito de comunicação em Luhmann rompe com o modelo clássico emissor-receptor, e em certo sentido o inverte: é somente na compreensão realizada por alguém que o comportamento de outro ou algo é interpretado como um ato de compartilhar uma informação, sendo assim tomado como premissa para a conduta de quem o interpreta. Trata-se de um evento que se forma pela síntese de três seleções: A compreensão feita por um interlocutor (*Verstehen*) de que alguém/algo participa algo (*Mitteilung*), fazendo emergir assim uma informação (*Information*). A informação apenas se constitui no momento da compreensão que a diferencia do ato de participar a informação. E é exatamente a compreensão desta diferença que forma a unidade recursiva da comunicação enquanto premissa para o comportamento de quem a compreende. Se alguém chega calado em um bar e aponta para um litro de cachaca e o dono lhe serve uma dose, foi o dono quem estabeleceu a diferença entre o gesto de apontar para o litro e a informação de comprar uma dose. Ele poderia simplesmente ignorar o gesto e atribuir à pessoa apenas uma conduta mal-humorada e mal-educada. Talvez acontecesse isso se a pessoa entrasse no bar pela primeira vez, pois o dono não teria expectativas comunicativas suficientes em relação a ela. Mas como é comum que ela chegue calada antes de começar a beber, já podemos contar com uma situação estruturada, padronizada, que torna provável que o gesto seja interpretado como *quero tomar uma*. Em resumo, para que a comunicação aconteça continuamente é preciso que identidades, padrões e expectativas sejam criados na própria comunicação a fim de orientar e tornar provável novos eventos comunicativos do mesmo tipo. Sem esta continuidade da comunicação, não existe sistema social. Ver Baraldi; Corsi; Esposito (1997).

cotidiano das práticas que emergem e se transformam o conhecimento, o sentido social e a relação entre problemas e soluções.

A poética pragmática afirma, portanto, uma concepção prática radical da realidade e de sua relação com o conhecimento e o sentido, pensados em primeiro lugar como crenças, como hábitos de ação. O conhecimento humano é situado no âmbito do sensível, do material e do social, e está sempre em relação com contextos práticos que não se reduzem ao campo linguístico e devem ser estendidos ao tecido de relações materiais sociais entendidas como *formas de vida* ou mesmo como sistemas sociais, definidos de modo operativo como redes recursivas de práticas sociais. Por estar sempre correlacionado com a solução de problemas da vida cotidiana, o conhecimento nunca começa com a dúvida cartesiana, mas sim com os preconceitos que temos à mão (Renn, 2011, p. 100). A rede recursiva de sentido que define problemas e soluções não começa com a dúvida, mas sim com a busca e fixação de uma camada de certezas que em certas condições pode ser abalada e assim ensejar a dúvida, a imaginação e a criatividade. Apenas quando certezas se quebram no choque com a realidade prática ou quando contradições subjetivas são trazidas contra certezas de outrem é que a dúvida se coloca: “O objetivo desta dúvida é obter novas certezas por meio da solução criativa de problemas” (Joas, 1996, p. 74).

Minha hipótese é que esta concepção sobre a relação entre conhecimento e a materialidade prática da vida social cotidiana permite um diálogo produtivo entre poética pragmática e teoria dos sistemas, ampliando o leque de possibilidades de diálogo entre sociologia e pragmatismo.² Em resumo: é possível uma sociologia sistêmica pragmática.

3 Sociologia pragmática e o problema da criatividade

Esta possibilidade é também fortalecida pelas características vistas como desejáveis para uma sociologia pragmática, pensada a partir do contato entre o pragmatismo e outras tradições da teoria social, a começar pela tentativa de desenvolver um pensamento hegel-marxista-pragmático, que retira de Marx o elemento metafísico, essencialista e substancialista, sublinhando o aspecto dinâmico e contextual da cognição e da criatividade humanas na vida social. (Souza, 2024; Souza, 2021, p. 23). A proposta de um materialismo definido pela primazia das práticas concretas e das relações sensoriais com o mundo *não precisa privilegiar o econômico*; pode e deve tratar outros âmbitos da vida social e pessoal, como a política, o direito, a educação e a religião, de forma materialista, ou seja, como esferas reais com problemas práticos reais.³ Essa proposta é plenamente compatível com a construção de uma sociologia pragmática capaz de dar conta tanto da materialidade das rotinas práticas e cognitivas quanto da quebra destas rotinas por crises e processos criativos dotados de igual materialidade. Para Joas (1996, p. 10-11), a grande contribuição que o pragmatismo norte-americano lega à sociologia é a ideia de criatividade da ação, ou seja, a busca pelas condições de possibilidade de surgimento do novo na natureza, na cultura, na sociedade e na personalidade.

A proposta de Joas é exitosa ao desenvolver uma concepção do social explicitamente voltada para observar a criatividade. Como em outros autores engajados na construção de uma sociologia pragmática (Corrêa, 2014), o social é definido como problemático, vulnerável, instável, e sua estabilidade é sempre

2 No entanto, para explorar essa possibilidade é preciso ter clareza de um ponto cego da teoria dos sistemas: sua dificuldade em observar a dimensão pragmática da experiência social da diferenciação e do distanciamento em relação às certezas que orientam a ação e a vida cotidianas. Neste sentido, Joachim Renn (2011, p. 105) sugere que o diálogo entre pragmatismo e teoria dos sistemas deve enfatizar a base pragmática que circunscreve a dúvida como motivada pela resolução de problemas, cujo caráter criativo pode conduzir a abstrações conceituais e operativas (abstrações reais) tanto no senso comum cotidiano como na sociologia e na filosofia.

3 Outra possível dificuldade nesta tentativa de aproximação entre a poética pragmática e a teoria dos sistemas sociais autopoieticos é a suspeita de que Luhmann teria uma *visão linguocêntrica* (Souza, 2020, p. 6) *do conhecimento e da comunicação* que desprezaria o papel do corpo e da relação corpórea com os objetos sociais e materiais. A meu ver esta suspeita se desfaz quando entendemos a relação entre comunicação e *mecanismos simbióticos* e, sobretudo, seu conceito de *comunicação artística*, como uma forma de sentido social primariamente definida pela percepção corpórea e não pela linguagem. Ver Luhmann (1981; 1998).

dinâmica, ou seja, o resultado contínuo de *processos investigativos* que produzem criativamente, em situações de crise, a ordem social e simbólica como forma de resolver problemas cujas soluções seguras não estão dadas (Corrêa, 2014, p. 58-59).

No entanto, uma sociologia pragmática, ou poético-pragmática, pode também distinguir e relacionar criatividade individual e social. Se partimos de uma concepção subsocializada do indivíduo, como é o caso tanto da poética pragmática como da teoria dos sistemas, essa distinção deve ser tratada não apenas como analítica, mas como uma *distinção real* que deriva da própria diferenciação entre sistemas sociais e sistemas psíquicos. A criatividade individual seria uma propriedade dos sistemas psíquicos, evidentemente afetado por sua corporeidade e por seus acoplamentos de sentido com o social, mas sem nunca ser reduzido ao social. Trata-se da emergência de novas soluções e estruturas de personalidade diante de situações de incerteza que requerem processos criativos propriamente individuais. A criatividade social, embora também seja influenciada pela criatividade individual, é uma propriedade de sistemas sociais, ou seja, das práticas sociais que se conectam recursivamente e assim produzem a continuidade de um sistema de práticas. Trata-se da emergência de novos padrões de conduta comunicativa que funcionam como soluções inovadoras para problemas sociais como a tomada de decisões coletivas no sistema político, a garantia de provisão futura em condições presentes de escassez no sistema econômico, a preparação de pessoas para a vida social futura no sistema de ensino e a estabilização de expectativas normativas no sistema do direito.

Esta diferenciação entre o social e o individual, que enseja a distinção entre as duas formas de criatividade, não tem nada de essencialista ou substancialista. Não são essências nem substâncias que distinguem as duas esferas da realidade. Na verdade, realidade social e a realidade psicológica são inseparáveis tanto na vida cotidiana como nos processos co-evolutivos: só existem sob o pressuposto da existência operativa uma da outra, mas não enquanto continuidade ontológica, e sim como uma relação dinâmica entre sistema e ambiente. Diferenciação não indica separação, isolamento, mas sim a constituição e reprodução contingente de formas autônomas de existência operativa, que seguem a fórmula *opero, logo existo*, e não *existo, logo opero* (Mascareño, 2017). A realidade social e a individual são duas formas especializadas de operações recursivas, cuja realização significa a reposição contínua das condições de reprodução destas mesmas operações, o que inclui a possibilidade de novas estruturas, mas nunca a importação direta de padrões do ambiente, com o qual cada sistema mantém relações importantes, mas sempre indiretas e altamente seletivas.

Neste contexto de distinções operativas, a diferenciação entre criatividade individual e social significa que eventos criativos na personalidade não resultam diretamente e por sua própria dinâmica em criatividade social e vice-versa. Processos contingentes de tradução são necessários entre as duas formas de criatividade.⁴ Além disso, como a realidade social é internamente diferenciada em subsistemas (economia, política, educação) e também em níveis de formação sistêmica (sociedade, organização e interação), devemos esperar que a criatividade individual seja traduzida em criatividade social em alguns contextos sociais (na interação por exemplo) e neutralizada em outros (organização por exemplo). A criatividade do indivíduo enquanto sistema psíquico não implica diretamente na existência de atores sociais criativos, já que a própria condição de um ator social não se confunde com a existência psicológica dos indivíduos. Ser um ator que realiza uma ação social é algo que resulta de práticas comunicativas que atribuem determinadas qualidades que habilitam a participação em diferentes contextos e sistemas sociais (Renn, 2011, p. 105). Aqui vale também a fórmula *opero, logo existo*. É possível que processos de

4 Com o conceito de tradução (*Übersetzung*) Joachin Renn propõe um diálogo entre a teoria pragmática da ação criativa e a teoria da diferenciação sistêmica que tem algumas semelhanças com minha proposta: "toda ordem social deve dissolver desde o início a soberania do sujeito da ação sobre o sentido de 'sua' ação: a consciência é sempre apenas uma instância da determinação do sentido ao lado de outras, e entre essas instâncias está sempre em ação uma forma elementar de tradução que estabelece ativamente relações entre as atribuições intencionais de sentido, as tipologias semânticas (incluindo classificações e normas) e as referências materiais (indexicalidade) da situação da ação" (Renn, 2011, p. 104).

criatividade social atribuem o predicado da criatividade a atores envolvidos com práticas consideradas criativas, sem que ocorra fenômeno correlato de criatividade na esfera da personalidade dos indivíduos assim designados como *atores criativos*.

4 Sociologia sistêmica pragmática

Tentativas de diálogo entre a teoria dos sistemas e o pragmatismo já foram promovidas a partir de diferentes interesses de conhecimento. Joaquim Renn (2025), por exemplo, propõe combinar a teoria da diferenciação sistêmica com a teoria pragmatista da ação, destacando como a diferenciação macrosocial entre sistemas funcionais pode ser mobilizada e modificada em cursos de ação que precisam realizar processos de tradução entre as diferentes esferas sociais. Minha proposta incorpora a ideia de relações de tradução, mas mantém o esforço luhmaniano de diferenciar mais fortemente o social do individual, conferido primazia à criatividade na comunicação sobre a criatividade da ação. Lucas Amato (2018), em direção mais próxima da minha, articula as teorias de Niklas Luhmann e Roberto Mangabeira Unger para construir uma concepção de inovação institucional no direito capaz de combinar a indeterminação e a contingência das estruturas jurídicas com a vigência de lógicas sistêmicas diferenciadas que trazem tanto possibilidades como limites para iniciativas inovadoras. Em diálogo implícito e/ou explícito com essas propostas, tento desenvolver fundamentos gerais sobre a relação entre o social e o individual com o foco no problema da criatividade e na emergência do novo nestas diferentes dimensões da realidade.

A distinção entre criatividade social e criatividade individual, derivada da distinção entre sistemas sociais e sistemas psíquicos, nos afasta de *modelos supersocializados do ser humano*, como podemos ver não só em Marx e Durkheim, mas também em Parsons e Bourdieu. Neste modelo, os indivíduos são tratados como *idiotas culturais* (Garfinkel), como marionetes conformistas controladas pelas normas, disposições e esquemas cognitivos que internalizam e incorporam do social. O ser humano seria então um *ser social* e nada mais. Tanto a poética pragmática como a teoria dos sistemas recusam este modelo de supersocialização, trabalhando com uma concepção *subsocializada* do humano, definido como ser social e associal ao mesmo tempo. Daí resulta a tese de uma integração apenas relativa entre o social e o individual, a partir da qual, por sua vez, podemos postular o indivíduo e sua criatividade como fonte indireta, mas mesmo assim potente, de processos de criatividade social. Embora seja necessário, como dissemos, um processo de tradução para que a criatividade individual resulte em criatividade social, em inovação estrutural, a busca individual por soluções não existentes para problemas socialmente colocados pode muito bem ser uma *irritação* importante para a emergência de processos criativos nas diferentes esferas sociais.

Se a criatividade social pode emergir da criatividade individual é porque soluções para problemas sociais de diversos tipos não estão sempre disponíveis nas rotinas e estruturas sociais vigentes, nem mesmo no leque das soluções consideradas *subversivas*. Por isso, a busca prática pela continuidade da própria vida social requer que algo novo seja inventado e trazido ao mundo social, e isto pode muito bem começar com uma variação individual nas práticas sociais e prosseguir pela seleção desta novidade como padrão a ser difundido em contextos sociais mais amplos, como organizações e grandes sistemas funcionais como economia e política. A *concepção subsocializada do humano* que sustenta *ontologicamente* essa relação criativa entre o social e o individual parece ser uma base comum entre a poética pragmática e funcionalismo de equivalências da teoria dos sistemas. E sobre esta base, ambas as tradições teóricas conferem centralidade ao caráter inovador e criativo da busca por soluções para problemas práticos da vida social, definindo o indivíduo para além de seu caráter social e assim postulando uma fonte extrassocial sempre à espreita para fornecer e irritar o social com o novo, o possível adjacente que ainda não havia sido imaginado, mas que uma vez trazido ao mundo social (Luhmann diria: comunicado) pode ter carreira de sucesso na solução de problemas inarredáveis.

5 Criatividade democratizada e funcionalmente diferenciada

Existem também importantes diferenças entre as duas tradições teóricas que buscamos fazer dialogar. A primeira é sobre a categoria ação nas duas teorias. Enquanto a poética pragmática e a maioria das teorias sociológicas de orientação pragmatista tomam a ação como dimensão prática fundamental para pensar a criatividade social, a teoria dos sistemas autopoieticos subordina a ação ao conceito de comunicação. De fato, a categoria de ação é importante para destacar o elemento de variação e desvio criativo que a conduta dos indivíduos pode e exerce sobre papéis, identidades e estruturas sociais:

Um dos pontos fortes das teorias de ação é não tratar os atos apenas como valores funcionais de ordens macrosociais, descobrindo assim um princípio de variação de possíveis tipos de ação e definições de papéis, por exemplo, na forma de uma reversão ‘criativa’ de acordo com a qual assumir papéis transforma-se em “fazer papéis” com repercussões no próprio formato dos papéis. (Renn, 2011, p. 98).

No entanto, este desempenho do conceito de ação tem a ver mais precisamente com a observação do indivíduo como fonte extrassocial capaz de irritar o social com o novo, ou seja, ele aborda a contribuição da criatividade individual para a criatividade social. O problema da teoria da ação é que ela tende a negligenciar as fronteiras de sentido entre o social e o individual e com isso também o trabalho contingente de tradução e conversão da criatividade individual em criatividade social, o que é indispensável para explicar por que algumas variações produzidas pela ação são socialmente selecionadas, generalizadas e institucionalizadas, enquanto outras não. Essa dificuldade fica muito clara, por exemplo, no trabalho de Joaquim Renn (2010, p. 320) que tenta desenvolver uma teoria pragmatista da ação criativa para nossa sociedade diferenciada em contextos com lógicas próprias, ao mesmo tempo em que admite que o sentido social da ação, seja ele criativo ou não, não se define pela subjetividade dos indivíduos, mas sim pelas relações de tradução entre as diferentes esferas sociais e a conduta dos indivíduos. Do ponto de vista social, para que a ação ganhe existência operativa, ela precisa ser uma grandeza atribuída por práticas comunicativas que constituem uma ordem de realidade distinta das condutas individuais. Apesar desta diferença, a categoria de prática, mesmo adotada muitas vezes como equivalente de ação pela poética pragmática de José Crisóstomo de Souza, indica elementos que vão claramente além do sentido subjetivo e que se aproximam do conceito de comunicação de Niklas Luhmann.

Neste sentido, a possibilidade de distinguir e relacionar criatividade social e individual trazida por uma *sociologia sistêmica pragmática* me parece uma importante vantagem em relação às versões da *sociologia pragmática da ação*, como a representada por Renn e Joas, que a meu ver não distinguem e não relacionam adequadamente o social e o individual. Não é que a sociologia sistêmica desconsidere a ação; ao contrário: o que ocorre é uma recusa em definir a ação como elemento exclusivamente social – já que o agir envolve elementos sociais e extrassociais – em favor de um esforço de precisão conceitual a fim de delimitar o social e o individual a partir de suas formas específicas e concretas de operação, para só então identificar suas relações a partir de modos de acoplamento, irritação ou tradução. Assim, por exemplo, o agir criativo dos indivíduos, como os brasileiros que insistem em inventar soluções não selecionadas e desperdiçadas por sistemas sociais programados para replicar fórmulas supostamente consagradas, dependeria exatamente de relações de acoplamento, irritação e tradução capazes de conferir formato social e dar propulsão e difusão a estes impulsos inovadores em diferentes âmbitos da vida.

A segunda diferença entre as duas teorias é que o pragmatismo acredita na disponibilidade em massa, democrática e popular da criatividade individual e social, enquanto Luhmann zombava desta crença como democratização ridícula da *ideologia da genialidade* (Luhmann, 1987). No entanto, como procurei demonstrar em outro texto (Dutra, 2023), existe ou pode existir também um Luhmann de esquerda, como fonte de liberação de contingência e criatividade popular em diversos sistemas da sociedade. Este Luhmann não seria menos original, já que realizaria o programa explicitamente projetado pelo autor:

superar os limites semânticos e os horizontes estruturais da *velha Europa* como aprofundamento da própria modernidade multicêntrica. A chave desta operação é a tese da contingência como valor próprio e constitutivo da vida moderna.

No entanto, em vez de aderir a ideias impopulares e utópicas de cidadania e democracias globais, uma política de orientação sistêmica deveria priorizar a busca de uma estatalidade nacional que combine aceleração e protagonismo da política em construir suas coletividades e programas com o desenvolvimento de uma sociedade plural capaz de autoprogramação descentralizada em seus sistemas funcionais. Isto significa, em outros termos, apostar em relações não destrutivas entre os sistemas funcionais através de novas descrições destes sistemas e de suas relações com o ambiente povoado por outras construções sistêmicas. Novas descrições não podem transformar diretamente nenhum sistema, mas podem abrir o leque de possibilidades de reprogramação e assim contribuir indiretamente para a transformação estrutural descentralizada.

Com base nesta tese, as estruturas e programas de diferentes sistemas funcionais podem ser observados em seu caráter arbitrário diante de possibilidades de transformação e reprogramação já disponíveis nas variedades regionais da sociedade mundial, mas também diante de estruturas efetivamente inovadoras a serem inventadas. Isso me parece muito mais promissor do que a tentativa de usar Luhmann para sustentar orientações normativas encontradas em outras fontes, como o projeto de fortalecimento do constitucionalismo global em moldes ocidentais (Habermas) ou a mera importação de questões de redistribuição e diminuição de desigualdades (Rawls) para a teoria dos sistemas.

A terceira diferença importante é a ênfase de Luhmann na diferenciação da sociedade em sistemas funcionais autônomos (Luhmann, 1997), com valores, códigos, estruturas, conflitos e dinâmicas evolutivas próprias. Não encontramos essa ênfase nem na poética pragmática nem nas variantes da sociologia pragmática da ação. A existência destes sistemas diferenciados está na vida cotidiana e no funcionamento prático da relação entre problemas e soluções. No dia a dia, o surgimento de problemas incontornáveis que desafiam a criatividade individual e social é sempre o surgimento de problemas especificamente políticos, econômicos, científicos, educacionais, jurídicos, tecnológicos, militares, esportivos, amorosos, artísticos e religiosos. Os problemas e as soluções ganham concretude prática enquanto problemas e soluções funcionalmente específicos. A invenção e produção de soluções sociais só se materializam em redes recursivas de signos e práticas comunicativas, ou seja, em sistemas sociais autopoieticos. E a criatividade individual só consegue se traduzir em criatividade social quando ela traz ao mundo soluções inovadoras, funcionalmente equivalentes, para problemas funcionalmente específicos como crise de legitimação política, estagnação da produtividade econômica, desmotivação pedagógica, esfriamento da intimidade e apostasia da fé.

Nesta direção, a teoria é um fazer prático na medida em que pode fornecer novas autodescrições sistêmicas que ampliam o horizonte para a solução criativa de problemas incontornáveis. No entanto, se a tese da diferenciação funcional é levada a sério, estes horizontes não podem estar limitados a novas fórmulas de intervenção política e estatal sobre as outras esferas sociais. A tarefa é combinar a politização das relações sociais com a reestruturação autônoma dos sistemas funcionais. Novas descrições não podem transformar diretamente nenhum sistema, mas podem abrir o leque de possibilidades de reprogramação e assim contribuir indiretamente para a transformação estrutural descentralizada. Não cabe à política definir as estruturas que programam diretamente as organizações educacionais, as empresas e as relações amorosas. Esse tipo de hiperpolitização sempre conduz a uma intervenção destrutiva da política sobre os demais sistemas sociais, que ao invés de estimular, inibe a busca criativa por soluções.

Trata-se, em muitos casos, de retomar o terreno da política, desconstruindo limitações autoimpostas na relação entre política e economia, mas sem buscar que a política seja o centro da vida social com soluções que não levam em conta a autonomia operativa e estrutural dos outros sistemas funcionais. A ideia é produzir intervenções construtivas a partir de programas políticos que estimulem a observação da

contingência das estruturas e soluções vigentes nos sistemas funcionais, favorecendo com isso processos internos de reestruturação criativa nesses sistemas, a fim de aproveitar a criatividade individual disponível, como a dos brasileiros, desperdiçada com a importação de modelos institucionais caducos.

6 Construcionismo institucional policêntrico

A ideia de uma criatividade social democrática e funcionalmente diferenciada, voltada para impulsionar processos de reprogramação em diferentes sistemas funcionais tendo por base inovações sociais oriundas de amplos seguimentos sociais, deve ter como foco principal processos de construção institucional capazes de conferir durabilidade e generalização às inovações sociais. Caso contrário, a criatividade social teria seu alcance sempre limitado a interações e padrões que emergem e desaparecem rapidamente. Pior ainda, como já apontamos, é quando a criatividade individual, na forma de imaginação e variação do sentido subjetivo do agir, sequer é traduzida em criatividade social em termos de novas estruturas e padrões de comunicação.

Com isso fica claro que podemos ter vários níveis de criatividade social de acordo com o nível de generalização e durabilidade de uma variação de sentido comunicativo. Uma simples interação entre duas pessoas pode ser criativa na medida em que nela uma nova forma de conduta é testada e aceita, sem que esta inovação tenha maiores repercussões. Para que uma inovação comunicativa possa repercutir de modo mais duradouro e generalizado é preciso que ela seja selecionada como um novo padrão por sistemas mais robustos como as organizações. Neste caso, a própria diferença entre criatividade individual e social acabado ficando mais acentuada, já que, nas organizações, as pessoas envolvidas na seleção dos novos padrões dificilmente estão reduzidas àquelas que participaram de sua emergência. Podemos chamar esta variante da criatividade social de construcionismo institucional no sentido de um processo de inovação de maior durabilidade e generalização, capaz de desencadear mudanças estruturais não apenas nas organizações que o promovem, mas também em sistemas mais amplos como os que Luhmann chama de sistemas funcionais: a economia, o ensino, a política, o direito, o esporte, a arte, a religião.

Estamos aqui falando de inovações empresariais, pedagógicas, ideológicas, jurídicas, esportivas, literárias e religiosas selecionadas por organizações, mas com um trajeto que vai além das organizações, tanto em sua emergência quanto em sua repercussão. Todas estas inovações, embora dependam de organizações para sua durabilidade e generalização, podem assumir a forma de programas de sistemas funcionais específicos, ou seja, de estruturas que orientam a produção e o acesso aos desempenhos sistêmicos. Em termos marxistas: os programas definem o controle e o uso dos *meios de produção* e da *riqueza social* de cada sistema funcional. Trata-se de alternativas institucionais sobre a qualidade (o que é produzido e entregue), a extensão (em que quantidade e para quem) e a composição social dos produtores (quem pode produzir o que em cada sistema).

O fato destes processos de construcionismo institucional transcenderem organizações como jornais e repercutirem em sistemas funcionais como a comunicação de massas significa que eles envolvem também a criatividade do público que consome os desempenhos e serviços sistêmicos. Esta criatividade significa a dinamização e a transformação da própria relação entre os papéis de público e especialista responsável por produzir desempenhos funcionais em organizações. A sociedade contemporânea é marcada por uma variedade de movimentos e processos de redefinição destes papéis e de suas relações cujo impulso é a criatividade social de diferentes públicos e não o poder organizacional dos especialistas. Na Alemanha, por exemplo, no período entre 1960 e 1989, as demandas por inclusão e as formas de conduta dos *papéis de público* passaram por rápida mudança estrutural na sua relação com os *especialistas* dos mais diferentes sistemas funcionais. Pacientes (sistema de saúde), eleitores (política), consumidores (economia), alunos e pais (educação) e réus (direito) passaram a exigir e a conseguir oportunidades de participação ativa nas decisões dos especialistas sobre a produção e entrega

de serviços e desempenhos em vários sistemas funcionais, trazendo a tona dois elementos fundamentais e inter-relacionados: uma exigência de individualização do público, articulada como negação da inclusão passiva e padronizada na saúde, na educação, no mundo do trabalho, na política, no direito e nos meios de comunicação de massa, e uma crítica da forma de produção e entrega de desempenhos e serviços por parte de médicos, professores, supervisores de fábrica, políticos, juízes e jornalistas nos seus respectivos sistemas funcionais (Gehards, 2001, p. 167).

Nestes movimentos e processos de redefinição dos papéis e das relações entre públicos e especialistas, setores de diferentes públicos usam suas possibilidades de articulação de demandas e suas redes de vínculos para formar e desenvolver *papéis especializados secundários* (Stichweh, 1988; Volkmann, 2010) – como o leitor engajado em produzir notícias, o torcedor interessado em tática que se torna analista individual de desempenho de jogadores de ponta⁵ e o crente autodidata que se torna pastor – capazes de alterar as relações de autoridade com *os especialistas tradicionais* de cada esfera social e assim influenciar a programação e a produção de seus respectivos serviços e desempenhos. O potencial criativo dos *papéis especializados secundários* reside, sobretudo, na ambiguidade e na indefinição estrutural de seu programa de ação que desafia a distinção entre especialistas e públicos para criar novos papéis capazes de alterar a estrutura de poder em um determinado subsistema social.

Sob determinadas condições, o público assim articulado pode fazer surgir soluções inovadoras para problemas existentes. E quando essas soluções inovadoras são aceitas como formas legítimas de ação, elas podem ganhar durabilidade e generalização, se institucionalizando como novas rotinas em determinado sistema funcional e passando a integrar os programas de trabalho dos próprios *especialistas legítimos*. Como sugere Thomas Kern, este processo pode ser assim resumido:

Quando os movimentos sociais - ou seja, os movimentos do público - geram com sucesso novas formas de ação legítima, sua institucionalização leva a uma mudança nas estruturas de papéis anteriores, de um modo que os papéis de público e especialista são igualmente alterados [...] os membros da sociedade inicialmente assumem papéis especializados secundários, cujos componentes individuais são, em certas ocasiões, integrados aos papéis de especialistas legítimos. Em alguns casos, são criados papéis especializados completamente novos. (Kern, 2011, p. 299-230).

Um exemplo recente de invenção de um novo especialista a partir de um processo de construcionismo institucional impulsionado pela criatividade social do público é a institucionalização do *analista de desempenho individual* no futebol de alto rendimento. Este novo especialista oferece uma espécie de consultoria individualizada a jogadores de futebol com base na observação de seu desempenho nos jogos, levando em conta as expectativas e exigências táticas, técnicas, físicas e psicológicas das equipes e seus treinadores. Wesley, lateral direito do Flamengo, recentemente convocado para a seleção brasileira, assim relata sua experiência com o serviço oferecido pela empresa *Outlier*:

Eles pegam o vídeo do meu jogo, cortam todas as partes em que eu toco na bola e me mandam. Primeiro eu vejo e tenho que me analisar sozinho. Não sou analista, não entendo muito (risos). Um dia antes do jogo, eles me ligam para uma reunião, de que meus empresários participam. Um deles (Guilherme Siqueira) foi lateral e me ajuda bastante. Vendo de cima é mais fácil. Às vezes eu vejo que tinha oportunidade e não ia porque estava sem confiança. Comecei a parar e pensar, comecei a ver que foi dando certo. Essa foi uma das coisas que me ajudaram bastante.⁶

5 <https://ge.globo.com/futebol/noticia/2025/04/08/o-que-faz-o-analista-de-desempenho-individual-conheca-funcao-que-virou-febre-e-auxilia-jogadores-ate-da-selecao.ghtml>

6 <https://ge.globo.com/futebol/noticia/2025/04/08/o-que-faz-o-analista-de-desempenho-individual-conheca-funcao-que-virou-febre-e-auxilia-jogadores-ate-da-selecao.ghtml>

Um dos mais bem sucedidos *analistas de desempenho individual* no Brasil é Ícaro Caldas, um torcedor do *Vitória da Bahia* que passou a estudar tática de forma autodidata e a analisar jogos do *Manchester City* nas redes sociais, clube de sua preferência no campeonato inglês de futebol. Por falar muito do clube inglês, Ícaro passou a ser seguido por Fernandinho, quando este era jogador do *City*, de quem se aproximou e com cuja ajuda ganhou popularidade, o que o levou a ser contratado como analista de desempenho pelo *Brasiliense* e a impulsionar também sua prestação individualizada de serviços. No entanto, a nova *profissão* ganhou status apenas recentemente e só agora parece de fato institucionalizada na estrutura do futebol de alto rendimento, tendo o reconhecimento não só de atletas, mas também de clubes.

Este exemplo da esfera do futebol⁷ serve para mostrar como a aproximação entre a poética pragmática e a teoria dos sistemas sociais autopoieticos pode nos render uma estratégia de construcionismo institucional policêntrico com o objetivo de: 1) explorar a capacidade criativa de autotransformação descentralizada de diferentes sistemas funcionais e 2) de programar a política para impulsionar estes processos em cada sistema. Como dissemos antes, o construcionismo institucional se diferencia de modalidades mais circunscritas de criatividade social por ser um processo de inovação de maior durabilidade e generalização. Isto significa que, embora o ativismo de parte do público seja imprescindível, o construcionismo institucional depende da atuação de *novos especialistas* no sentido de furar bolhas e assim difundir sua invenção no sistema.

Podemos dizer que existe uma *criatividade social sistêmica* diretamente relacionada a esta *capacidade de ultrapassar bolhas*. E talvez isto indique a conveniência de uma *política de tradução pragmática* não só entre bolhas e públicos dentro de vários sistemas, mas também entre diferentes sistemas. Esta *política de tradução pragmática* visa conectar sem fundir diferentes processos de criatividade social, levando em conta em primeiro lugar a lógica e a autonomia de cada sistema em produzir sentido e assim definir o que é ou não algo criativo, seja apenas um evento ou uma nova estrutura amplamente difundida (Renn, 2011). Neste sentido, a *política de tradução pragmática* pode ajudar a solucionar alguns problemas importantes de certa tradição pragmatista que acaba assumindo um viés *voluntarista* em relação à política e ao papel da *imaginação institucional*, como identifica Bichara (2025) na obra de Roberto Mangabeira Unger (2007). Unger daria pouca atenção ao papel dos partidos e da organização política como um todo na construção e difusão de concepções sobre a transformação institucional em diferentes esferas sociais. Além disso, cabe acrescentar, ele também negligencia o caráter policêntrico das inovações institucionais, ou seja, o fato de que, por exemplo, mudanças nas regras institucionais da economia só podem se efetivar como mudanças econômicas conduzidas por empresas, mudanças no sistema educacional como mudanças pedagógicas conduzidas por escolas e mudanças no direito como transformações jurídicas promovidas por tribunais.

Na medida em que o ponto de partida de nossa proposta é a ideia de construcionismo institucional policêntrico, na qual a política não é o único centro impulsionador da criatividade social, este possível voluntarismo cede lugar a uma política que reflete sobre seus próprios limites diante da lógica e da dinâmica de autorreprodução ou autotransformação de cada sistema social. Isto significa que entre diferentes sistemas sociais, mas também entre o mundo social como um todo e a esfera da personalidade, não existe transferência de sentido e nem de impulsos criativos, mas apenas processos contingentes de tradução pelos quais estes diferentes sistemas reduzem ativamente a complexidade de seu ambiente, podendo até obter formas de coordenação e partilhar certas referências intersistêmicas, mas sem que seus processos internos de mudança ou reprodução estrutural sigam necessariamente a mesma trajetória (Renn, 2010, p. 324). Ao mesmo tempo em que permite vislumbrar e projetar situações de coordenação entre diferentes sistemas e públicos sociais, a ideia de política de tradução pragmática como articulação reflexiva do construcionismo institucional policêntrico rejeita qualquer pretensão representacionista

7 Exemplos equivalentes podem ser encontrados na religião, na crítica artística e gastronômica e abundantemente na consultoria de investimentos, na análise política e na crítica pedagógica.

para qualquer sistema social ou individual. A relação entre diferentes formas de criatividade não é de representação de uma pela outra, mas sim de invenção autônoma de novos padrões de sentido a partir de relações de tradução descentralizadas.

7 Considerações finais

Para concluir esta proposta de aproximação entre poética pragmática e a sociologia dos sistemas sociais autopoieticos é oportuno ressaltar uma significativa convergência normativa entre as duas teorias. Se opondo ao *humanismo comunal marxista do ser genérico* (Souza, 2024), com raízes cristãs fortemente fincadas nos horizontes restritos do que Luhmann adorava chamar de *velha Europa*, as duas teorias aqui aproximadas não se orientam pelo imperativo de *reconciliação entre o social e individual, o particular e o universal*. A diferenciação insuperável entre a *cultura subjetiva* dos indivíduos, com seus envolvimento mundanos, interesses, trajetórias e projetos de vida particulares, e a *cultura objetiva* (Simmel) de sistemas funcionais com lógicas e valores irreconciliáveis não é motivo de lamento e nem um impedimento a propósitos emancipatórios.

Em primeiro lugar, porque as duas teorias conferem centralidade ao valor da contingência e recusam qualquer tipo de teleologia e filosofia da história assentada em premissas humanistas de comunhão do social com o individual. Assim, a autonomização de ordens sociais como a economia, a política e o direito não é vista como um processo de falha societal que oprime os humanos com a *reificação* e a *objetivação* de *abstrações reais* e artefatos como o dinheiro, a lei, a tecnologia e a multidão de objetos físicos com os quais nos associamos para comunicar, produzir e criar. Só fez sentido falarmos e buscarmos a criatividade social e individual porque nos achamos jogados num mundo formado por problemas produzidos na relação com estes sistemas, abstrações e objetos. A reconciliação entre o individual e o social tornaria a criatividade desnecessária ou inconveniente.

Em segundo lugar, porque as duas teorias também recusam a fusão do social com o individual em termos gerais, antropológicos, independente da sociedade em que vivemos hoje. Neste sentido, toda criatividade social e individual de orientação emancipatória deve partir de uma concepção subsocializada do indivíduo como base real para valorar a transcendência pessoal em relação a qualquer sistema social ou cultura (Unger, 2007) como objetivo de qualquer *boa sociedade* ou *boa vida*. E para os tempos atuais, isto significa algo como um modernismo desinibido, pois na sociedade moderna, o indivíduo que sempre transcendeu o social como sistema psíquico operativamente fechado, encontra na diferenciação funcional um contexto para realizar essa transcendência do social dentro da própria sociedade. A mudança estrutural que devemos buscar não visa nem à destruição nem à substituição completa de sistemas funcionais, mas sim à transformação dos padrões que orientam suas práticas, suas relações com os demais sistemas da sociedade e com os seres humanos. Isto se explica pela relação entre a transformação e seu horizonte normativo: as noções de *boa sociedade* ou *boa vida* que podem se conectar com a criatividade social e os propósitos das maiorias não envolvem a morte da economia, da política, do direito, da ciência e do ensino enquanto domínios funcionais autônomos, mas sim a reprogramação da forma como esses sistemas operam e como se relacionam uns com os outros e com os seres humanos e sua natureza de transcender a sociedade e a cultura.

Referências

- AMATO, L. F. *Inovações constitucionais: direitos e poderes*. Belo Horizonte: Casa do Direito, 2018.
- BARALDI, C.; CORSI, G.; ESPOSITO, E. *Glossar zu Niklas Luhmanns Theorie sozialer Systeme*. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1997.

BICHARA, C. D. C. A imaginação como categoria política: uma investigação a partir de O Homem Despertado, de Roberto Mangabeira Unger. *Cognitio: Revista De Filosofia*, v. 26, n. 1, p. 1-19, 2025. e68804. <https://doi.org/10.23925/2316-5278.2025v26i1:e68804>

CORRÊA, D. S. Do problema do social ao social como problema: elementos para uma leitura da sociologia pragmática francesa. *Política & Trabalho: Revista De Ciências Sociais*, v.1, n. 40, p. 35-62, 2014.

DUTRA, R. Sistemas sociais, contingência e transformação estrutural. *Terceiro Milênio: Revista Crítica de Sociologia e Política*, v. 21, n. 2, p. 61-104, 2023.

GERHARDS, J. Der Aufstand des Publikums Eine systemtheoretische Interpretation des Kulturwandels in Deutschland zwischen 1960 und 1989. *Zeitschrift für Soziologie*, v. 30, n. 3, p. 163–184, 2001.

JOAS, H. *Die Kreativität des Handelns*. Frankfurt: Suhrkamp, 1996.

KERN, T. *Differenzierung als kreativer Prozess: Die Herausbildung von Rollen in Publikumsnetzwerken*. In: SCHWINN, T.; KRONEBERG, C.; GREVE, J. (Orgs.). *Soziale Differenzierung Handlungstheoretische Zugänge in der Diskussion*. Wiesbaden: VS Verlag, 2011, p. 285-304.

LUHMANN, N. *Die Kunst der Gesellschaft*. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1998.

LUHMANN, N. *Die Gesellschaft der Gesellschaft*. Frankfurt: Suhrkamp, vol. 1 e 2, 1997.

LUHMANN, N. Vom Zufall verwöhnt. Eine Rede über Kreativität. *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, Frankfurt, Alemanha 10. Jun.1987.

LUHMANN, N. *Symbiotische Mechanismen*. In: LUHMANN, N. *Soziologische Aufklärung 3*. Opladen: Westdeutscher Verlag, 1981, p. 228-244.

MACAREÑO, A. Esse sequitur operari, o el nuevo giro de la teoría sociológica contemporánea: Bourdieu, Archer, Luhmann. *Revista Mad. Revista del Magister en Análisis Sistémico Aplicado a la Sociedad*, n. 37, p. 54-74, 2017.

RENN, J. *Übersetzungsverhältnisse Perspektiven einer pragmatistischen Gesellschaftstheorie*. Weilerswist-Metternich: Velbrück Wissenschaft, 2025.

RENN, J. Koordination durch Übersetzung. Das Problem gesellschaftlicher Steuerung aus der Sicht einer pragmatistischen Differenzierungstheorie. *KZfSS, Sonderheft 50*, p. 311-327, 2010.

RENN, J. *Handlungsabstraktion und Differenzierung: Zum makrosoziologischen Mandat der Handlungstheorie*. In: SCHWINN, T.; KRONEBERG, C.; GREVE, J. (Orgs.). *Soziale Differenzierung Handlungstheoretische Zugänge in der Diskussion*. Wiesbaden: VS Verlag, 2011, p. 93-111.

SOUZA, J. C. *O avesso der Marx*. Rio de Janeiro: Ateliê de Humanidades Editorial, 2024.

SOUZA, J. C. Introdução – Poética Pragmática: uma coletânea como jam session. In: SOUZA, J. C. (Org.). *Filosofia, Ação, Criação*. Poética pragmática em movimento. Salvador: Edufba, 2021, p. 11-48.

SOUZA, J. C. A World of Our Own: A Pragmatic-Poietic Perspective. *Transcience*, v. 11, n. 2, p.1-27, 2020.

STICHWEH, R. *Inklusion in Funktionssysteme der modernen Gesellschaft*. In: MAYNTZ, R. et al. (Orgs.). *Differenzierung und Verselbständigung. Zur Entwicklung gesellschaftlicher Teilsysteme*. Frankfurt/ New York: Campus Verlag, 1988, p. 261–293.

UNGER, R. M. *The Self Awakened: Pragmatism Unbound*. Cambridge: Havard University Press, 2007.


VOLKMANN, U. *Sekundäre Leistungsrolle: Eine differenzierungstheoretische Einordnung des Prosumenten am Beispiel des Leser-Reporters*. In: BLÄTTEL-MINK, B.; HELLMANN, K-U. (Orgs.). *Prosumer Revisited*. Zur Aktualität einer Debatte. Wiesbaden: VS Verlag, 2010, p. 206-220.



COGNITIO

Revista de Filosofia
Centro de Estudos de Pragmatismo

São Paulo, v. 26, n. 1, p. 1-13, jan.-dez. 2025
e-ISSN: 2316-5278

 <https://doi.org/10.23925/2316-5278.2025v26i1:e71737>